Poemas e algo mais: textos de Ana María Tapia-Adler[1]

Poems and something else: texts by Ana María Tapia-Adler

Tradução de Rafael Bán Jacobsen

Aquí y ahora

Aquí estoy ahora,
rodeada de los montes de Judea,
en el centro del mundo,
afirmando fuertemente los pies sobre ésta
mi tierra.

Aquí y ahora
he dejado de ser mera espectadora
para convertirme en protagonista de la historia.

Un apretón de manos,
una conversación que pudiera ser vana
y que, no obstante, refleja en sus palabras
los pensamientos del alma.

Las noticias de cada hora mezclada con canciones,
el salir muy de mañana a la cita con la vida,
simple y llana y, sin embargo, tan plena.

Aquí y ahora
los acontecimientos no pasan de largo
se internalizan,
pasan por el tamiz del entendimiento
y se encarnan.

Aquí y ahora
tomo conciencia
sufro
río
lloro
vivo intensamente, en cada hora,
la cita impostergable con la historia.

Aquí y ahora,
un pueblo, el mío,
busca su identidad y confía en su destino.

Y yo,
con los ojos llenos de su paisaje,
acaricio tiernamente la textura de su tierra,

de sus muros y sus piedras,
respiro hondamente el vivificante aire
con aroma a pinos
y me convierto en parte de un destino.
Aquí,
yo re-vivo

Aqui e agora

Aqui estou agora,
rodeada pelos montes da Judeia,
no centro do mundo,
firmando fortemente os pés sobre esta
minha terra.

Aqui e agora
deixei de ser mera espectadora
para me transformar em protagonista da história.

Um aperto de mãos,
uma conversa que poderia ser vã
e que, não obstante, reflete em suas palavras
os pensamentos da alma.

As notícias de cada hora misturadas a canções,
sair de manhã cedo para o encontro com a vida,
simples e pura e, ainda assim, tão plena.

Aqui e agora
os acontecimentos não passam ao largo,
internalizam-se,
passam pelo filtro do entendimento
e se corporificam.

Aqui e agora
tomo consciência
sofro
rio
choro
vivo intensamente, a cada hora,
o encontro inadiável com a história.

Aqui e agora,
um povo, o meu,
busca sua identidade e confia no seu destino.

E eu,
com os olhos cheios de sua paisagem,
acaricio a textura da sua terra,

de seus muros e suas pedras,
respiro profundamente o vivificante ar
com perfume de pinho
e me transformo em parte de um destino.
Aqui,
eu re-vivo.

Ahora tomo conciencia de mí misma
y, en medio del paisaje de mi tierra,
busco el propósito de mi venida.

Aquí y ahora,
marcada por el peso de la historia milenaria.

Aquí y ahora,
en medio de los montes de Judea,
mis raíces absorben la fuerza de esta tierra mía
y cuestiono el sentido último de mi vida.

Aquí y ahora
canto
lloro
vibro
y rezo
en espera de una paz que se avizora,
una paz esquiva y, no obstante, promisoria.

Aquí y ahora,
por fin vivo.

Jerusalem, 31.10.91

Agora tomo consciência de mim mesma
e, em meio à paisagem da mina terra,
busco o propósito da minha vinda.

Aqui e agora,
marcada pelo peso da história milenar.

Aqui e agora,
em meio aos montes da Judeia,
minhas raízes absorvem a força desta terra minha
e questiono o sentido último da minha vida.

Aqui e agora
canto
choro
vibro
e rezo
à espera de uma paz que se avizinha,
uma paz esquiva e, no entanto, promissora.

Aqui e agora,
enfim vivo.

Jerusalém, 31.10.91

Mi ciudad

Mi ciudad es como la primavera,
está vestida de mil colores.
Sus colores brillan con la caricia del sol
y se estremecen con el fuerte viento
que se enseñorea en ella.

Mi ciudad posee una mezcla de aromas diversos,
como los de un campo en flor.

En mi ciudad hay una mezcla arquitectónica que impresiona:
Edificios antiguos – de cuyos balcones cuelga
la ropa recién lavada –
y otros de líneas modernas y de avanzada.

En sus calles es común encontrarse
con las figuras infantiles de nuestros soldados
y aquellas inconfundibles de los hombres vestidos de negro.
Para los primeros, la guerra no es un juego,
sino una cruda realidad impuesta por la sobrevivencia.

Minha cidade

Minha cidade é como a primavera,
está vestida de mil cores.
suas cores brilham com a carícia do sol
e estremecem com o forte vento
que a domina.

Minha cidade tem mistura de diversos aromas,
como os de um campo em flor.

Na minha cidade, a mistura arquitetônica impressiona:
Edifícios antigos – de cujas sacadas pende
a roupa recém-lavada –
e outros de linhas modernas e avançadas.

Em suas ruas é comum se encontrar
com as figuras infantis de nossos soldados
e aquelas inconfundíveis dos homens vestidos de negro.
Para os primeiros, a guerra não é um jogo,
e sim uma crua realidade imposta pela sobrevivência.

Para los segundos, el tiempo no pasa y la historia
se aletarga en largas jornadas de estudio,
en espera de un Mesías que no llega...

Hay vida,
mucha vida en esta ciudad, donde
cristianos, musulmanes y judíos
se encuentran día a día.

Ciudad en la que abundan los gatos,
los hippies y los punks,
ciudad cuyas calles se convierten
en improvisadas salas de concierto al aire libre.

Hay vida en mi ciudad
una vida plena;
en ella se trabaja afanosamente en la semana
y se vivencia el descanso sabático.

En sus calles se corre,
se canta,
se pelea
y se protesta.

En las calles de mi ciudad
se vive una vida plena
con sus alegrías y sus tristezas
pero, sobre todo, con sus esperanzas.

Mi ciudad es como una primavera eterna;
sí, eterna,
como el romance que sostenemos,
ella y yo, hace ya tres mil años.

Jerusalem, 1992

Para os segundos, o tempo não passa e a história
adormece em longas jornadas de estudo,
à espera de um Messias que não chega...

Há vida,
muita vida nesta cidade, onde
cristãos, muçulmanos e judeus
se encontram dia a dia.

Cidade repleta de gatos,
de hippies e de punks,
cidade cujas ruas se transformam
Em improvisadas salas de concerto ao ar livre.

Há vida na minha cidade
uma vida plena;
nela se trabalha arduamente durante a semana
e se vivencia o descanso sabático.

Em suas ruas se corre,
se canta,
se luta
e se protesta.

Nas ruas da minha cidade
vive-se uma vida plena
com suas alegrias e tristezas
mas, sobretudo, com suas esperanças.

Minha cidade é como uma primavera eterna;
sim, eterna,
como o romance que mantemos,
ela e eu, já faz três mil anos.

Jerusalém, 1992

Infidelidade

A MULHER SUBIU NO ÔNIBUS AINDA QUE O MOTORISTA TIVESSE AVISADO QUE NÃO havia lugar para sentar. Mas ela estava com pressa, queria chegar o quanto antes para o abraço de amor que nunca faltava quando os dois se encontravam. Queria regressar a essa sensação de que, ainda que estivessem separados há tempo, ao voltarem a se encontrar era como se nunca houvessem estado separados. Sabia que era ela quem deveria ir ao encontro.

Na metade do caminho, pessoas desceram do ônibus e ela pôde sentar, ao lado da janela. Estava tão agitada que não queria perder um minuto sequer do caminho que a levaria ao seu destino. Mas o cansaço a venceu e suas pálpebras se fecharam; era possível sentir o esforço que ela fazia para permanecer acordada, mas suas pálpebras a traíram.

Despertou a algumas quadras do lugar onde deveria descer e, depois de uma longa espera, o motorista decidiu que, devido ao terrível engarrafamento que não permitia avançar, os passageiros deveriam descer.

Arrastando a grande mala e com a mochila no ombro, com o cansaço ainda lhe doendo no corpo, dirigiu-se ao hotel em que tinha reserva. Era cedo, deveria fazer o *check in* às 15 horas. Deixou a mala no guarda-volumes e, com a mochila nas costas, decidiu caminhar um pouco por algumas das ruas da cidade, mas, vencida pelo cansaço, sentou-se no primeiro boteco que encontrou e serviu-se de um *shawarme*[2] em nome de seu irmão. Decidiu permanecer no local para observar a estranha fauna humana que passava pelo grande vendaval...

O sol, alto a essa hora, e queimando a pele branca, não dava alívio. Seu corpo não estava acostumado com 37° na sombra e, curiosamente, ela, que colecionava lindos chapéus e adorava exibi-los, tinha a cabeça descoberta.

Deu algumas voltas, um tanto desconcertada para saber qual seria a saída mais próxima ao hotel. Se bem que a entrada era às 15 horas, podia perfeitamente esperar no cômodo e fresco salão do lugar, pegar suas anotações e repassar qual seria seu itinerário para o resto do dia.

Às três em ponto foram entregues as chaves do quarto. Desfez a mala como pôde e não se deu conta quando caiu em um profundo sono no qual sonhou estranhos sonhos. Às oito horas da noite, já desperta mas ainda cansada, decidiu que não podia atrasar mais o encontro. Sempre havia sido o primeiro e agora, por alguma estranha razão que não compreendia, haviam passado horas nas quais seu corpo esgotado havia preferido o descanso ao encontro.

Saiu com urgência para tomar o trem rápido e novo que a levaria ao seu destino. Tão novo e moderno o trem que, em cada estação, havia máquinas de venda automática de bilhetes. Aproximou-se da primeira, um grande letreiro vermelho dizia STOP, o que significava que estava inoperante. Com certeza haviam terminado os bilhetes. Aproximou-se da segunda, mas estava desligada e não funcionava. Disseram-lhe que, se atravessasse, poderia comprar a passagem na máquina em frente. E assim ela fez, desta vez arrastando os pés e com uma sensação estranha. Fez tudo que a máquina lhe pediu. Finalmente, a máquina lhe disse que não tinha moedas para lhe dar o troco, e por isso não podia emitir a passagem.

Está bem, não era hora de viajar no trem rápido, voltaria aos antigos ônibus de Egged, que nunca haviam falhado; esperou e esperou o ônibus nº 1 que a deixava na *porta do monturo*, a poucos passos do muro, ou o 18, que ia até o *Mercaz Sefaradi*. Esperou até que se desesperou. *"Não é o meu dia, nem o momento propício"*, disse para si e decidiu reverter a má sorte consolando-se com um sorvete pesek zman ou um egoz[3], como lhe haviam pedido as sobrinhas.

Nenhum dos bares tinha esses sorvetes, tampouco tinham Maim Eden[4]. Entrou na estação central de ônibus e comprou um frozen yogurt[5]: manga, pecanim[6] e banana em vez de halva, que tampouco havia. A mistura ficou boa.

Era noite fechada quando voltou ao hotel. A maioria das lojas já estava fechada. *Amanhã será outro dia*, disse para si, *e irei a seu encontro de manhã*.

Não houve manhã nem tarde. Não escutou a chamada telefônica do despertador, era bem avançada a manhã quando abriu os olhos e decidiu ir diretamente ao local onde sabia que poderiam fazer o trabalho de que necessitava. Teve de percorrer muitas ruas até chegar à gráfica onde imprimiram o material de que precisava para sua próxima apresentação.

As ruas permaneciam iguais, com seus antigos edifícios construídos com a tradicional pedra que se via em toda a cidade, talvez estivessem um pouco mais velhos, as portas um tanto mais desconjuntadas, e, no bairro de Gueula, ainda se podia ver gente trabalhando em meio às ruas quase destruídas. *"Por causa da construção do trem"*, pensou ela, mas alguém lhe disse que era porque estavam trocando os encanamentos de água e lhe assegurou que o trem nunca passaria por esse bairro. *"Curioso"*, pensou, *"creem que a modernidade é privilégio de apenas uns poucos"*.

No caminho de volta, encontrou um salão de cabeleireiro. Ainda que Matan, o cabeleireiro, a tenha felicitado por seu corte, ela sabia que precisava urgentemente penteá-lo decentemente, porque parecia um espantalho com o cabelo em várias direções. Saiu dali reconfortada, sem pensar que a ordem duraria pouco devido à transpiração pelo calor que voltou a molhar os cabelos que se secaram em todas as direções com o sol ardente e o vento.

Poderia ir nesse mesmo momento ao encontro que havia adiado. Mas, no caminho, justamente na esquina principal da Yaffo com a King George, onde deveria tomar o ônibus que a levaria ao lugar sonhado, havia uma bonita loja que piscava para ela. O yetzer hará[7] foi mais forte e, contra todos os conselhos do yetzer hatov[8], cedeu, atravessou, entrou e comprou feito uma louca, afinal de contas estava na loja Crazy Line e havia descontos. Também ficou crazy, se é que já não estava desde antes.

Quando tomou consciência da quantidade de pacotes que tinha nas mãos e do peso que carregava, deu-se conta de que seria impossível chegar ao encontro, ademais estava certa de que a única coisa que poderia carregar seria a pequena câmera para documentar o encontro. Assim, tão cansada quanto havia se sentido em toda sua estada.

Cansada, com um cansaço que saía de dentro, mistura de dor, decepção e tristeza, que parecia apertar seus músculos (os que ela pensava ter, é claro), pegou um táxi e informou o caminho do hotel. Cumprimentou, subiu e se atirou na cama, grande e gorda como era. Antes das 17 horas, estava pronta para ir à abertura do congresso, que, segundo lhe disseram, seria às 18, e um ônibus viria apanhá-los no hotel.

Não queria recordar o sonho premonitório que tivera: por ser infiel, não havia sido recebida, e lhe haviam colocado todos os obstáculos possíveis para o encontro. Acaso se pode enganar quem se ama? Duas semanas no país sem ter ido ao seu encontro. Vergonha era a palavra que se repetia no sonho. *"Vergonha porque preferiste passear por lugares insignificantes, banais, em vez de vir se encontrar comigo. Na pervertida Nínive te distraíste e deixaste passar momentos ideais para o encontro, é como se não quisesses desfrutar o nosso abraço. Não sabes que, para amar, é preciso dois? Quanto tempo durará o desencontro?"* A voz continuou: *"Ainda lembro quando vinhas até mim de madrugada, amorosa, esperançosa, e nos uníamos em um abraço milenar, e só depois ias para os teus afazeres diários"*.

Era verdade, bastava que surgisse um raio de sol e ela se vestia e saía correndo para estar com ele por alguns momentos e voltar a tempo para a universidade. Algo devia ter mudado. E disse para si: *"Irei hoje, depois de ter cumprido meus deveres, sem nem me preocupar em deixar a mochila no hotel, para não adiar o encontro"*. Foi assim que decidiu que seria *"agora ou nunca"*.

Sentia que, sobre seus ombros, trazia o peso de dois mil anos. As costas se curvavam, as pernas tremiam, e a vista não se desgrudava do solo escorregadio e pedregoso que poderia fazê-la cair... parecia que haviam sido postas de propósito durante uma remodelação, mas ela sabia que não era assim... sempre estiveram aí, como a pintura da Porta de Sião que gostava de fotografar cada vez que vinha à cidade, porque alguém se encarregava de manter mais ou menos legível o letreiro que acompanha a mezuzá e o candelabro. Através dessa fotografia ela ia marcando o passar dos anos.

Mas dessa vez foi mais difícil fotografá-la. Choveram impropérios. *"Mulher, por caso precisas do dia todo para tirar uma mísera fotografia?"*, alfinetou o condutor do veículo que queria atravessar a porta. *"O que há?"*, respondeu com cala, *"a arte da fotografia necessita de tempo para fixar o enquadramento"*. O condutor lançou algumas palavras no seu idioma e pisou no acelerador. Ela, comedida, como se tivesse todo o tempo do mundo, voltou à sua tarefa.

Seguiu seu caminho pelo bairro armênio, fotografando o que aparecia em seu trajeto, deleitando-se com o pensamento de que, em algum minuto, apareceria o coração do seu amado e poderia não só fotografá-lo ao seu capricho, mas também, tendo chegado até aqui, apoiar seus braços e sua testa no peito generoso que acolhe os lamentos de sua gente há milhares de anos e retomar seu abraço milenar.

Sim, como nos filmes que são gravados em câmera lenta, ela registraria passo a passo a sua aproximação, porque ela viria até ele. Ele permanece sempre imóvel, preso à terra, firme, ereto, estático; não obstante, esse coração de pedra bate com força, sussurra cânticos quando o ar passa entre os seus sulcos, permite crescer ervas que dão flores no tempo preciso e acalanta com amor as pombas que buscam o seu refúgio.

Em uma curva do caminho, viu brilhar a cúpula dourada e seu entorno. Deu um clique para deixar plasmado na câmera o primeiro olhar e a máquina não respondeu... Desorientada, voltou a clicar e, estranhamente, a lente da máquina se fechou, e a máquina não funcionou mais.

Com a lama dolorida, arrastando os pés, foi deslizando pelo caminho enquanto se recriminava. Ela, e somente ela, tinha culpa que isso acontecera. Passou pela portaria e foi direto à esplanada, seu coração ladrava, suas pernas não obedeciam e por pouco conseguia respirar – estava tão perto! –, parecia que sua cabeça explodiria.

Revistou a mochila para pegar os pedidos que trazia do Chile para colocar no muro, mas não os encontrou: havia deixado no hotel! Mas, ainda que as tivesse trazido, a esplanada cheia de gente a impedia de se aproximar como queria; chegou o mais perto que pôde e, depois de uma sentimental "conversa", leu alguns dos salmos do livro que havia apanhado na estante da entrada.

Quis aproximar-se, mas as mulheres diante dela não estavam dispostas a ceder nem um milímetro de seu terreno. Do lugar onde estava, começou a percorrer com o olhar a vista do muro, tratando de encontrar o símbolo que sempre aparecia quando sua conversa era escutada. Mas a pomba branca não estava lá, tampouco seus semelhantes. Apenas os homens rezando suas litanias e as mulheres fazendo sentir seus gemidos.

Deu a volta tristemente, cabisbaixa e, contrita, retornou... Esperou e esperou o ônibus que não chegava, as pessoas que se impacientavam porque, geralmente, tinham hora determinada para chegar; no entanto, já haviam passado dois ônibus nº 2 e dois nº 3 e o 1 não aparecia. Começou a caminhar junto às pessoas que desciam até a *porta do monturo* e lhe ocorreu de perguntar a um dos policiais se haviam trocado o ponto. Disse-lhe que

não, que regressasse ao lugar de onde viera e ali esperasse. Assim o fez.

Enquanto esperava, escutava como as mulheres se queixavam do transporte, os homens caminhavam o m ais distante possível das mulheres e as jovens correram até uma noiva à qual pediram brachot, bênçãos, o que a bela noiva fez com alegria e dedicação. As jovens, feito passarinhos voejando e piando, voltaram ao seu lugar enquanto a noiva, envolta em tules, dirigia-se até o kotel[9].

Finalmente chegou o tão esperado ônibus, e, como um grupo em disparada, subiram nele rapidamente. Não foi uma boa noite para nossa visitante.

Ainda desencantada, cansada mas sem vontade de voltar ao hotel onde sabia que a única coisa que faria seria atirar-se na cama e dormir aborrecida até que o telefone a despertasse, ingressou na estação central e, no mesmo lugar do dia anterior, pediu a mesma combinação de frozen yogurt.

Degustando a saborosa combinação, percorreu as lojas da estação e – surpresa – encontrou uma loja Sony, onde um amável senhor consertou os problemas que tinha com a sua câmera, elemento importantíssimo para poder documentar o amoroso encontro.

"No final das contas, não foi uma noite ruim, amanhã será melhor", disse a si mesma enquanto apertava fortemente contra o seu peito os equipamentos eletrônicos que lhe permitiriam sair da pane.

Rapidamente já instalada em seu quarto de hotel, revisou os elementos e fez como lhe haviam dito. Funcionou perfeitamente; descarregou as fotografias e deixou a bateria carregando. *"Amanhã será outro dia... as coisas vão melhorar"*, repetiu para si mesma...

De manhã cedo, arrumou todas as coisas de modo que, ao encerramento da árdua jornada final do congresso de que estava participando, pudesse deixar os livros, pegar apenas a mochila com a câmera e partir.

O encerramento foi mais tarde do que o imaginado, mas, de qualquer modo, chegou ao hotel, deixou as coisas e, pegando apenas o necessário, dirigiu-se finalmente ao kotel.

Não havia tanta gente como no dia anterior, certamente porque já era tarde. Pôde, sem muitos problemas, aproximar-se do coração da cidade amada: apoiou sua testa e as palmas das suas mãos na pedra e um frescor percorreu seu corpo atormentado por problemas que somente ela podia entender. Rezou colocando toda a sua alma, pediu, rogou, e até é provável que tenha chorado. Eu não sei, sou apenas uma humilde relatora e não estava ali para ver seu rosto amalgamando-se à pedra e ouvir suas palavras...

Colocou uma a uma as mensagens que haviam lhe entregado, cosendo-as fortemente à pedra para que não caíssem. Logo, contrita, pediu perdão por sua demora. Não sei o que será dito, mas se pode ver o resultado: ela se afastou uns passos do muro e novamente repassou com seu olhar o muro inteiro, sua visão se deteve em um par de pombas que arrulhavam uma para a outra no lado das mulheres. Seu rosto se entristeceu... Voltou a repassar, dessa vez mais lentamente, todo e cada um dos recantos e encontrou o que buscava: ali, aninhada em uma fresta do muro, a pomba branca a olhava!

Aí vi como seu rosto se transformava, um sorriso aparecia, um olhar de esperança e um lampejo de luz nunca antes visto em seus olhos...

Seus pedidos tinham sido escutados. Sua infidelidade havia sido perdoada!

Jerusalém, 22.06.2012

NOTAS

1 Ana María Tapia-Adler é professora e diretora do Centro de Estudos Judaicos da Faculdade de Filosofia e

Humanidades da Universidade do Chile (www.estudiosjudaicos.cl – http://judaismoenunclick.blogspot.com).

2 *Shawarme:* tipo de sanduíche muito comum em todo o Oriente Médio. Pão pita recheado com carne de cordeiro e saladas a gosto.

3 *Pesek zman, egoz*: tipos de sorvetes deliciosos que são vendidos em Israel.

4 *Maim Eden*: marca de um tipo de água mineral.

5 *Frozen yogurt*: um tipo de sorvete feito com iogurte.

6 *Pecanim*: tipo de noz grande, mais doce e menos oleosa do que a noz tipo mariposa. Noz-pecã.

7 *Yetzer hará*: inclinação para o mal.

8 *Yetzer hatov*: inclinação para o bem.

9 *Kotel*: Muro das Lamentações.

Recebido em 12/03/2015
Aceito em 16/06/2015